

**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

OFICINAS DE LETRAMENTO DIGITAL: AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

SILVA, D. A.

OFICINAS DE LETRAMENTO DIGITAL: AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Denis Antônio Silva¹
Universidade Federal da Integração Latino Americana
denis_okizy@yahoo.com.br

RESUMO: Este documento objetiva relatar as experiências, discussões e reflexões sobre letramento digital e ferramentas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e também sobre resultados proporcionados pelo Projeto de Extensão Universitária "Oficinas de Letramento Digital: as mídias na Educação" oferecido pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) a 40 docentes da rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: letramento digital; TIC; ferramentas digitais;

ABSTRACT: This document aims to report the experiences, results, discussions and reflections on digital literacy and ICT tools (Information Technology and Communication) offered by University Extension Project "Digital Literacy Workshops: media in Education" of the Federal University of Latin American Integration (UNILA) including 40 teaches of municipal schools in Foz do Iguaçu, State of Parana, Brazil.

KEYWORDS: digital literacy; ICT; digital tools.

RESUMEN: Este documento tiene por objetivo relatar las experiencias, resultados, discusiones y reflexiones sobre letramiento digital y las herramientas de las TIC (Tecnologías de la Información y Comunicación) proporcionados por el Proyecto de Extensión Universitaria "Talleres de Letramiento Digital: los medios en la Educación" ofrecido por la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA) a 40 docentes de la red municipal de ensino de Foz do Iguaçu, Província del Paraná, Brasil.

PALABRAS CLAVES: letramiento digital; TIC; herramientas digitales.

¹ Bolsista da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Introdução

Atualmente estamos vivendo o advento da popularização das tecnologias da informação e comunicação (TIC), é comum vermos em todos os lugares e a toda hora, pessoas usando computadores conectados à internet, tablets, jogos digitais e celulares inteligentes como os *smartphones* com milhares de funções que vão além de fazer uma simples chamada telefônica ou mandar uma mensagem de texto. Essas ferramentas TIC têm influenciado as formas como administramos nossas vidas e o nosso tempo, como nos informamos, comunicamos, nos divertimos e principalmente como aprendemos, seja daquelas pessoas nascidas antes dos anos 80 chamadas de “Geração X” ou daquelas da geração internet que nasceram após os anos 80 e que principalmente após os anos 90 vivenciaram um enorme avanço tecnológico e o adotaram com naturalidade, essa geração também é conhecida como “Geração Y”.

A escola não fica alheia ao advento das TIC, cada dia estamos mais certos de que não podemos rechaçar essas ferramentas digitais tão comuns para a grande maioria dos estudantes, na medida que eles as usam e as dominam, elas podem ser facilitadoras ou obstruidoras da aquisição de conhecimentos. As ferramentas digitais desempenham um papel fundamental na democratização do conhecimento e ao acesso à informação atualizada, rápida e gratuita. O professor do século XXI deve estar preparado para saber lidar com tantas novidades promovidas pelas TIC, por isso, compreendemos que o letramento digital é *sine qua non* na formação do professor quando pensado sob a ótica da cultura digital como integrante da formação contínua e da inclusão digital como uma política pública no meio educativo.

Nesse sentido, a experiência que relataremos a seguir foi proporcionada pelo Projeto de Extensão Universitária “Oficinas de Letramento Digital: as mídias na educação” da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) em parceria com o Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal de Foz do Iguaçu (NTM) e com o Parque Tecnológico de Itaipu (PTI) na cidade de Foz do Iguaçu no Estado do Paraná, Brasil. O objetivo é refletir sobre a formação docente e as políticas públicas em relação as novas tecnologias e o âmbito educativo, além trabalhar várias ferramentas digitais que podem servir como ferramentas pedagógicas que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem.

Perfil dos docentes

As oficinas de “Letramento Digital” atendem a um público de cerca de 40 docentes que são oriundos de diversas escolas municipais de Foz do Iguaçu. Eles trabalham com os anos iniciais do ensino básico e com o ensino fundamental I. No grupo dos docentes que participam das oficinas, há professores de diversas disciplinas como matemática, língua inglesa, artes, língua portuguesa, ciências e professores que ministram todos os conteúdos que compõem o currículo da educação básica brasileira. Apesar desses docentes trabalharem na rede municipal de ensino, as condições de trabalho deles não são homogêneas. Os graus de informatização e de recurso digitais disponíveis nessas escolas são diferentes, na medida que há aquelas escolas que não possuem computadores disponíveis para o uso com e dos estudantes, redes sem-fio ou acesso à internet via cabo, laboratório de informática, projetores e tablets, por outro lado, há um grupo reduzido de escolas que possuem computadores com acesso à

internet, aulas de informática para os estudantes, equipamentos como projetos que podem ser usados pelos docentes com os estudantes em sala de aula.

Os docentes relatam que o perfil socioeconômico dos seus estudantes é bastante heterogêneo, portanto, ainda que sejam da “Geração Y”, aquelas características inerentes a essa geração não se aplicam a todos os alunos.

Dentre os docentes que participam das oficinas de letramento digital, há também uma heterogeneidade, pois uma parcela deles não estão familiarizados com os computadores de mesa, notebooks ou tablets e apresentaram maiores dificuldades, enquanto outros vêm de um processo de capacitação e atualização docente gratuita e obrigatória ou de outros cursos fornecidos pelo NTM (Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal) e não apresentam dificuldades quanto ao uso do computador. Alguns professores também não possuem computadores e/ou conexão à internet em casa devido as condições financeiras.

Oficinas

A nossa intenção foi criar um espaço onde pudéssemos fomentar o debate sobre as políticas educacionais em relação às TIC em sala de aula, assim como promover a cibercultura através de propostas de usos pedagógicos de ferramentas digitais disponíveis gratuitamente como sites de músicas, vídeos, redes sociais, editores de documentos e imagens, blogs, etc.

Para alcançar tal objetivo, dividimos os docentes em duas turmas de acordo com as suas preferências e disponibilidades de horários. Os encontros foram realizados quinzenalmente nas quartas-feiras e sábados com duração de 4 horas cada oficina. As oficinas foram ministradas no laboratório de informática do nosso parceiro NTM (fig. 1) que está localizado dentro do Parque Tecnológico de Itaipu (PTI). Este laboratório possui computadores com o Sistema Operacional Linux conectados à rede, cada computador possui um equipamento multimídia (microfone e fone de ouvido), além disso também há um data-show, um sistema de áudio e *wifi*.

Através da Plataforma Moodle cedida pelo NTM para abrigar o nosso curso, os docentes tiveram acesso aos conteúdos pertinentes as oficinas, fóruns e discussões. Esses docentes foram avaliados pela sua participação e interação, além de atividades propostas para fixar os conteúdos discutidos. As oficinas foram divididas em dois momentos, no primeiro momento foram feitas discussões e reflexões sobre as TIC, políticas públicas e em um segundo momento, foram desenvolvidas práticas do uso pedagógico de ferramentas digitais.

Figura 1: Laboratório de Informática do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal



Crédito da foto: Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal

Oficina Introdutória

No primeiro encontro, o nosso intuito foi apresentar o conteúdo programático das oficinas de letramento digital, conhecer as expectativas e anseios dos docentes, assim como diagnosticar como estavam em relação à cibercultura e debater sobre o conceito de letramento digital.

Começamos o nosso encontro apresentando o conteúdo programático das oficinas, e logo passamos para uma fase de diagnóstico de como eles se sentiam em relação às novas tecnologias na educação. Uma frase que nos chamou atenção foi a seguinte de uma das docentes "... eu me sinto com medo e atrasada e acho que não darei conta de acompanhar meus colegas...", muitos professores relataram um certo desconforto e ao mesmo tempo, o desejo de começar a adentrar o mundo das TIC. A principal dificuldade relatada foi a falta de equipamentos digitais e laboratórios de informática com acesso à internet nas escolas que possibilitariam a inclusão das TIC no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola.

Nós fizemos uma reflexão e contextualização de como as TIC revolucionaram o mundo e seguem revolucionando, também discutimos sobre o que é letramento digital e a sua importância na formação dos professores do século XXI. Apresentamos o conceito do que entendemos que seja letramento digital, para nós letramento digital é a habilidade de se adaptar, dominar e trabalhar com um conjunto de informações e de ferramentas TIC em prol da cidadania dos alunos frente ao rapidíssimo avanço tecnológico que estamos vivendo. Sempre desde uma maneira crítica e capaz de produzir significados nas aulas.

Nesse sentido, letramentos digitais segundo Marcelo Buzato (2006, p.26) são:

“...são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.”

Após a discussão sobre esse conceito, os professores comentaram que não estavam familiarizados com o conceito de letramento digital e o concebiam como um sinônimo de “alfabetização digital.”

Dando continuidade nas atividades, nós apresentamos o ambiente da Plataforma Moodle o qual iríamos trabalhar e propomos que trabalhássemos semanalmente com discussões e atividades relacionadas às oficinas na Plataforma Moodle. No que concerne a Plataforma Moodle, eles não tiveram dificuldades porque eles constantemente realizam cursos no NTM através dessa plataforma. Para as atividades futuras necessitávamos que eles tivessem um endereço de correio eletrônico, porém a maioria deles não possuíam um ou possuíam e não se lembravam quais eram ou como usá-los. Nós fizemos contas de e-mail gratuitas e ensinamos minimamente como usá-los (mandar um e-mail, anexar um arquivo, criar pastas).

Atividades na Plataforma Moodle

Na Plataforma Moodle do NTM, nós optamos por trabalhar da seguinte forma, criamos o “Diário da Turma” - um fórum destinado a publicações sobre as impressões acerca do curso, sugestões de temas e apresentações das dificuldades e anseios. Os docentes eram livres para criar os seus tópicos e debaterem entre si com a nossa moderação. Houve uma participação efetiva por parte dos docentes com debates interessantes e principalmente relatos das dificuldades que eles sentem em relação às ferramentas digitais como: a velocidade em que elas se tornam obsoletas, dificuldades em dominá-las e a resistência da comunidade escolar em relação ao uso das TIC na escola.

Nós propusemos temas e criamos fóruns para cada um deles com o intuito de fomentar o debate e a criticidade dos docentes. O primeiro tema trabalhado foi “Cultura Digital” e adotamos o seguinte conceito de cultura digital: *“Conhecimento sobre o uso de aparelhos eletrônicos que possibilitam discutir, noticiar, comentar, divulgar , fotos, documentos, arquivos, mecanismos capazes de mediar relações, entre pessoas que muitas vezes se baseiam e que vivem em função destes.”* No fórum, nós perguntamos o que eles concebiam como cultura digital e mediamos o debate.

O segundo tema para a discussão foi “metodologia ou tecnologia” através do vídeo “Metodologia ou Tecnologia”² da Universidade Presidente Antônio Carlos. O nosso objetivo com esse debate era sensibilizá-los quanto ao uso das TIC e frisar que o uso delas deve ser com uma metodologia adequada, pois não devemos priorizar a tecnologia em detrimento da metodologia, ambas devem ser complementares no processo de ensino-aprendizagem. Um dos comentários do fórum que resume bem a

² Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=swKs_U9ujCc (acessado em 11/09/14)

discussão acerca desse tema foi o da professora participante do projeto Ivanilda Soares da Silva:

“É um desafio o uso das TIC na educação, principalmente para professores com formação mais antiga, como relatou nossa colega anteriormente. Se não soubermos fazer o uso da tecnologia, nossas aulas, ficarão sem efeito, então com um bom método de ensino, independente do uso dela ou não, podemos levar o planeta para sala de aula. As novas tecnologias são ferramentas que “temperam” nossa metodologia. Podemos “temperar” nossas aulas, com doses dessas tecnologias, para com isso incluir nossos alunos na era digital. São processos distintos, porém, no mundo em que vivemos, um pode fazer dupla com outro para surtir efeitos satisfatórios. Cabe ao professor mediar o conjunto!”

Outro tema discutido na Plataforma Moodle foi a questão da leitura e escrita na era digital. Para servir de base para a nossa discussão e reflexão, nós utilizamos o artigo “Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re)construção da(s) literacia(s)” da Dulce Melão de 2010 e o vídeo “Escrever na Internet” da InfoMedia TV³.

Do texto da Dulce Melão (2010, p. 76), tomamos a seguinte reflexão sobre a leitura e a tecnologia:

“A união entre a leitura e a tecnologia na Internet é aqui explorada, de forma sumária, através do recurso a exemplos como a biblioteca digital, alguns sites consagrados à aventura de ler e blogues de carácter educativo com semelhante intuito. Importa, sobretudo, pôr em relevo, nesta reflexão, a pletera de significados que resulta da abordagem à leitura “mediada” pelo ecrã e os diferentes modos de integrar novos trilhos de interacção desta com os alunos, no contexto educacional actual.”

O tema da escrita e leitura da era digital gerou debates principalmente sobre o não uso da forma padrão de escrita que os estudantes utilizam na internet e sobre a credibilidade dos conteúdos acessados, pesquisados e lidos na internet e que são tomados como verdades.

Oficina: “Coautoria no Google Drive”

Nessa oficina o nosso principal objetivo era trabalhar com o conceito de “produção colaborativa” usando a internet. Inicialmente refletimos sobre as várias formas de colaboração na internet como os *blogs*, *wikis*, redes sociais, sendo uma das mais famosas ferramentas colaboração a enciclopédia online “Wikipédia”, que permite que vários colaboradores produzam e editem conhecimentos acerca de um tema. Ainda que esses conteúdos da “Wikipédia” são passivos de desconfiança, eles são a prova clara de que efetivamente existe colaboração na internet de forma rápida e eficaz, assim como no mundo fora da internet. Quando conversávamos sobre as ferramentas de produções colaborativas, notamos que quase todos os professores não conheciam ou não tinha um *blog* ou nunca haviam escutado sobre “wikis” ou

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LDQngByAmtw&app=desktop>. (acessado em 11/09/14).

usado um. Portanto, nós mostramos o *wiki*⁴ da Prof. Jorgelina Tallei e o vídeo “O que é um *wiki*?”⁵ do IGovSp para explicar o conceito de *wiki* e mostrar como um *wiki* funciona. Definimos *wiki* como uma ferramenta colaborativa que permite a criação e edição de conteúdos colaborativos facilmente para variados fins.

Para apresentar a possibilidade de produção de conteúdos colaborativos, optamos por trabalhar com o *Google Drive* que é um serviço de armazenamento gratuito oferecido pela empresa *Google* com capacidade de 15GB e que está disponível para computadores e dispositivos móveis como os celulares e tablets. É necessário ter uma conta *Google* para poder acessá-lo. Escolhemos o *Google Drive* porque ele concentra em si, além da capacidade de armazenamento, a opção de convidar várias pessoas para criar um mesmo documento e editá-lo ou simplesmente deixá-lo aberto para quem queira contribuir. O *Google Drive* pode ser usado tanto online ou off-line, atualmente está composto por 6 aplicativos básicas de edição que são:

1 - Documento ou *Google Docs*: é uma ferramenta para a criação e edição compartilhada de texto muito semelhante aos editores de texto mais conhecidos como *Microsoft Word*.

2 -Planilha ou *Google Sheets*: é um aplicativo que permite a criação e edição compartilhada de planilhas , muito parecido com o *Microsoft Excel*.

3 - Apresentação ou *Google Slides*: é um aplicativo que permite a criação e edição compartilhada de apresentação no estilo do *Microsoft Power Point*.

4 - Formulário ou *Google Form*: é um aplicativo que auxilia na criação e edição de formulários para vários fins como entrevistas e enquetes.

5 - Desenho ou *Google Drawings*: é um aplicativo muito parecido a famoso criador e editor de desenhos *Microsoft Paint*.

6- *Google Fusion Tables*: é um aplicativo que permite a criação de mapas a partir de tabelas com uma variedade de informações.

O *Google Drive* possui uma infinidade de aplicativos que podem ser conectados ao “*drive*” do usuário, porém alguns deles como editores de vídeos, fotos e calculadoras, são pagos.

Dentre todos esses aplicativos, na oficina de coautoria de conteúdos usando o *Google Drive*, escolhemos o *Google Docs* e *Google Slides* para trabalhar com os docentes. Primeiramente explicamos o que era o *Google Drive*, o conceito de “armazenamento nas nuvens” e também explicamos e demonstramos cada um dos aplicativos básicos disponíveis aos usuários. Nós propusemos aos docentes que eles usassem o *Google Docs* para criar um documento que permitisse a edição por parte de outras pessoas e o compartilhassem com os colegas de oficina. Sugerimos a eles que o *Google Docs* pode ser um excelente aplicativo para a criação e edição de artigos científicos, planos de aula, para a produção de texto compartilhada entre os alunos com a mediação do professor. No tocante ao *Google Slides*, pedimos que fizessem uma pequena apresentação que pudesse ser apresentada em uma reunião de professores e que a compartilhassem com os demais colegas para que eles pudessem ajudá-los a editá-la. Aproveitamos que estávamos trabalhando com o *Google Slides* e apresentamos aos docentes o *Prezi* como uma ferramenta potencial

⁴ Disponível em: <http://idiomastic2013.wikispaces.com/> (acessado em 11/09/14).

⁵ Disponível em: <http://vimeo.com/1992329> (acessado em 11/09/14).

para a criação de apresentação com uma dinâmica diferente do *Microsoft Power Point* e do *Google Slides*.

Com essa oficina tivemos um *feedback* muito positivo dos docentes, uma vez que não conheciam essas possibilidades de criação e edição compartilhada, além disso, se encantaram com o *Prezi*.

Oficina sobre “*Flipped Classroom*” ou Aula invertida usando o *Google Youtube*

Na oficina sobre aulas invertidas, o nosso intuito era apresentar o *Google Youtube* como uma ferramenta pedagógica que vai além dos vídeos que acostumamos acessar no dia-a-dia e principalmente apresentar as aulas invertidas como uma nova possibilidade dinâmica para ser aplicada na sala de aula. Optamos pelo *Google Youtube* por ser uma ferramenta gratuita que só exige do usuário uma conta *Google* e por ser uma ferramenta bastante simples e com muitos recursos.

Na primeira parte da oficina, conversamos sobre o que são as aulas invertidas, como elas funcionam e também apresentamos as vantagens do uso das aulas invertidas.

Para poder explicar o conceito de aulas invertidas usamos o conceito do site Porvir do *Inspire Institute*, segundo o site⁶:

“O flipped classroom, ou sala de aula invertida, é o nome que se dá ao método que inverte a lógica de organização da sala de aula. Com ela, os alunos aprendem o conteúdo em suas próprias casas, por meio de vídeo-aulas ou outros recursos interativos, como games ou arquivos de áudio. A sala de aula é usada para a realização de exercícios, atividades em grupo e realização de projetos. O professor aproveita para tirar dúvidas, aprofundar no tema e estimular discussões.”

Também usamos o vídeo “*The Flipped Classroom*”⁶ que está disponível na mesma página do conceito acima.

Após as discussões e reflexões sobre as aulas invertidas, propusemos que cada docente criasse um pequeno vídeo no *Google Youtube* para que pudesse ser usado na disciplina que o professor ministra.

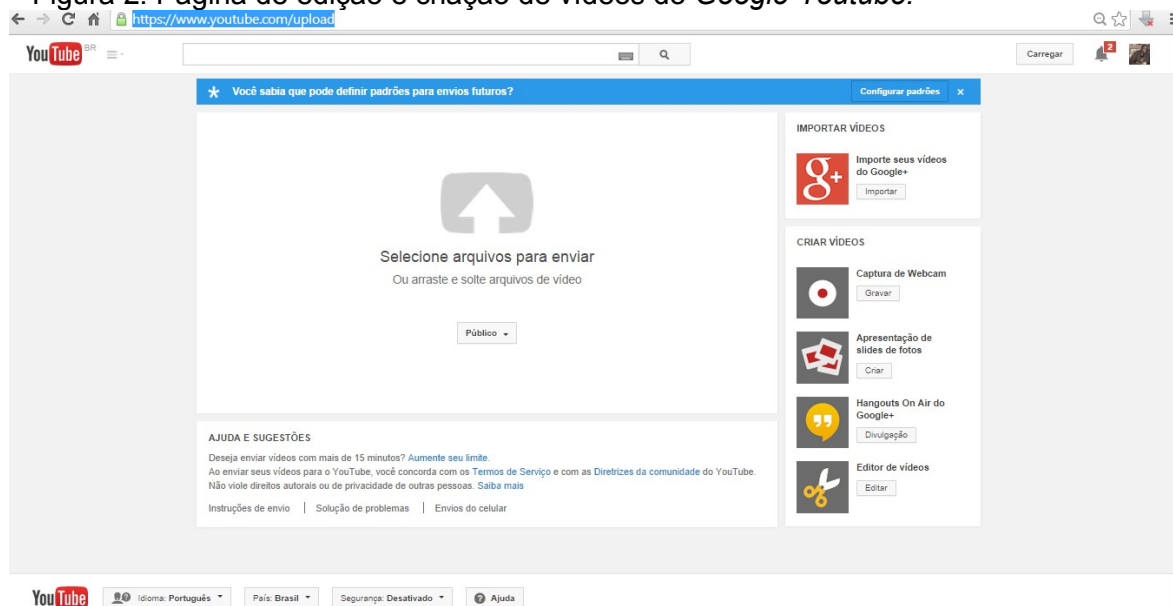
Para isso, entramos na página de edição e criação de vídeos do *Google Youtube* (fig. 2). Explicamos que o editor e criador de vídeos do *Google Youtube* pode ser usado tanto no computador como em um dispositivo móvel (tablets ou celulares). Ele permite que o usuário faça o *upload* de um vídeo que já esteja salvo e apenas o edite. O usuário pode usar a *Webcam* para capturar um vídeo ou criar um vídeo a partir de fotos. Assim como no *Google Drive*, o *Google Youtube* permite que o usuário compartilhe o vídeo através do seu controle de privacidade. Outro aplicativo que está disponível para parte de *upload* do *Google Youtube* é o chamado *Google Hangouts*, que é um aplicativo que permite aos usuários fazerem conferências ao vivo que podem ser gravadas, editadas e compartilhadas com milhares de usuários, porém são permitidos somente 10 usuários com *Webcam* e os demais podem ser somente ouvintes ou apenas interagirem através do microfone. Ressaltamos para eles que o *Google Hangouts* pode ser uma ferramenta pedagógica interessante na medida que

⁶ Disponível em: <http://porvir.org/wiki/sala-de-aula-invertida-2> (acessado em 11/09/14)

podemos, por exemplo, fazer conferências através dele, debates, ensinar línguas, praticar idiomas com nativos, fazer uma reunião de professores, dentre outros.

Logo da explicação, fomos para o aplicativo de edição de vídeos. Cada docente criou um pequeno vídeo e trabalhou com as ferramentas de edição (recortar, áudio, filtros, linha do tempo, linha de áudio) e compartilhou o seu vídeo com os demais colegas.

Figura 2: Página de edição e criação de vídeos do Google Youtube.



Fonte: <https://www.youtube.com/upload> (acessado em 13/09/14)

Oficina: “Redes Sociais na Educação”

Através da oficina “Redes Sociais na Educação”, objetivamos debater sobre o poder, preconceito e as potencialidades da redes sociais como uma ferramenta pedagógica e também alguns conceitos atuais que nos ajudam a entender o mundo da web 2.0.

Na primeira parte da oficina trabalhamos algumas discussões acerca dos conceitos de tecnologia, mídias sociais e mídias digitais. Buscamos compreender o perfil dos jovens estudantes, ou melhor, da sociedade em relação as mídias digitais, para isso nos valemos da metáfora (fig. 3) de Prensky (2001) no artigo “*Digital Natives, Digital Immigrants*”.

De acordo com Marc Prensky (2001) os imigrantes digitais conservam um certo “sotaque” da sua condição de imigrante e não se adaptam tão rapidamente e ainda se surpreendem com as novidades e habilidades como um estrangeiro digital, já o nativos digitais são naturais, não veem com estranheza as novidades e habilidades e não as apreciam, preferem a rapidez e multiplicidade de recursos.

A maioria dos docentes presentes se identificaram como imigrantes digitais e conseguiram ver as características apresentadas por Prensky (2001) refletidas em seus alunos e também em seus filhos.

Figura 3 – Tipologia de Marc Prensky

Digital Native Learners	Digital Immigrant Teachers
Prefer receiving information quickly from multiple multimedia sources.	Prefer slow and controlled release of information from limited sources.
Prefer parallel processing and multitasking.	Prefer singular processing and single or limited tasking.
Prefer processing pictures, sounds and video before text.	Prefer to provide text before pictures, sounds and video.
Prefer random access to hyperlinked multimedia information.	Prefer to provide information linearly, logically and sequentially.
Prefer to interact/network simultaneously with many others.	Prefer students to work independently rather than network and interact.
Prefer to learn “just-in-time.”	Prefer to teach “just-in-case” (it’s on the exam).
Prefer instant gratification and instant rewards.	Prefer deferred gratification and deferred rewards.
Prefer learning that is relevant, instantly useful and fun.	Prefer to teach to the curriculum guide and standardized tests.

Fonte: http://etec.ctlt.ubc.ca/510wiki/images/5/56/Digital_natives_and_immigrants.jpg (acessado em 13/09/14)

Apresentamos também outro conceito, o de “visitante e residente” digital que propôs David White (2011), o qual nos identificamos mais devido ao fato dele não fazer uma distinção literal entre visitantes e residentes digitais. De acordo com White (2011), os visitantes digitais em linha gerais são pessoas mais contidas e que tentam não fazerem uma identidade digital, são aquelas que usam o computador para um fim específico e em seguida o desliga, normalmente não criam perfis em redes sociais e tentam preservar ao máximo a sua privacidade. Os residentes vivem conectados, participam de comunidades, compartilham conteúdos e geralmente são usuários de redes sociais. Como pudemos notar, White(2011) não faz uma diferenciação a nível de conflitos como Marc Prensky.

Além de debaterem os conceitos, os professores expressaram as suas opiniões sobre as redes sociais e a grande maioria deles não viam com bons olhos as redes sociais, apesar de também fazerem parte de alguma delas. Um dos questionamentos levantados foi sobre a vida privada do professor, uma vez que muitos alunos adicionavam seus professores na rede social e comentavam com o professor depois sobre a sua vida privada. Adiciono ou não adiciono o meu aluno ao meu perfil?, essa a grande pergunta. Quase todos eram contra, os professores que não compartilhavam da mesma opinião sugeriram algumas alternativas como alterar as configurações de privacidade, criar um perfil só para o “Prof. fulano” e outro para a vida privada. Um docente argumentou que não gostava de adicionar o seus alunos e que ficava irritado ao ver tantos erros de ortografia dos estudantes nas redes sociais.

Na tentativa de sensibilizá-los quanto a possibilidade de uso das redes sociais como uma ferramenta pedagógica, usamos o *Facebook* e o *Whatsapp* para demonstrar que muitos professores conseguem fazer com muito sucesso o uso pedagógico dessas redes sociais.

Utilizando o data-show mostramos aos professores alguns perfis de professores famosos no *Facebook* e como eles trabalham com o *Facebook* para

ensinar e avaliar seus alunos. Apresentamos e ensinamos aos professores como criar uma página e grupo no *Facebook* como alternativa de não expor a vida privada e ao mesmo tempo como ferramentas eficientes de interação que podem ser uma extensão da sala de aula na medida que o professor pode disponibilizar materiais, criar avaliações, gerar e mediar debates acerca de temas pertinentes à sua disciplina, sanar dúvidas e atender a grupos específicos de alunos com dificuldades que não são atendidos em salas de aulas lotadas.

Mostramos como o *Whatsapp* pode ser uma ferramenta pedagógica interessante principalmente para professores de línguas, uma vez que ele permite a gravação e o envio de voz e vídeos, além das mensagens de texto. Através do *Whatsapp* o professor pode auxiliar o aluno a desenvolver a escrita e fluência na língua estrangeira e também pode avaliá-los criando atividades com prazos para serem enviados e dando *feedbacks* instantâneos.

Ao final da oficina os professores puderam ver que as redes sociais possuem uma potencialidade muito grande como uma ferramenta pedagógica e não necessitam ser rechaçadas do ambiente escolar, e sim serem aliadas do processo de ensino-aprendizagem.

Avaliação

Os docentes foram avaliados através do acompanhamento das participações nas atividades propostas, fóruns e debates na plataforma Moodle e também de acordo com a participação e frequência nas oficinas de letramento digital. A interação na Plataforma Moodle quanto no laboratório de informática foi tranquila e produtiva. Os docentes não apresentaram dificuldades no manuseio dos computadores do laboratório, uma vez que já estavam acostumados a usá-los.

Resultados

Esse projeto apresentou bons resultados, mesmo os professores não dominando totalmente todas as tecnologias digitais que lhes ensinamos, relataram se sentirem mais seguros e preparados para aplicá-las no processo de ensino-aprendizagem. Alguns professores atendidos pelo projeto já estão utilizando ferramentas digitais em sala de aula e dizem que houve um aumento significativo no interesse dos alunos após o uso das ferramentas digitais. No tocante à colaboração na produção de conteúdos, os professores se apropriaram do *Google Drive* para criar apresentações e escreverem textos juntos.

Um logro importante do projeto foi sensibilizar os professores quanto à necessidade de políticas públicas de inclusão digital na educação municipal, estadual e nacional. Creemos que o desenvolvimento deste projeto foi realmente frutífero, pois os docentes que participaram do projeto nos pediram a continuidade das oficinas no ano de 2015. Disseram também que colegas de trabalho que não tiveram condições de participarem destas oficinas querem participar delas caso haja a continuidade delas.

Houve resistência por parte de alguns professores quanto ao uso de tecnologias digitais em sala de aula, mas no decorrer do projeto as aversões às tecnologias digitais foram sendo quebradas e deram lugar à empolgação de quererem

conhecer novas ferramentas e novas possibilidades de trabalho com as ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Bibliografia

BUZATO, Marcelo El Khouri (2006). *Letramento e Inclusão na Era da Linguagem Digital*. Campinas: IEL/Unicamp, Março, 2006. (mimeo)

MELÃO, Dulce Helena M. R. (2010). *Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re)construção da(s) literacia(s)*. [Online]. La Rioja: Exedra - Revista Científica. 3a. ed., pág. 76-95. [Data da consulta: 11/09/14].

PRENSKY, Marc (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants. The Horizon* [Online] MCB University Press, Vol. 9 Núm. 5, Outubro 2001. [Data da consulta: 11/09/14]

WHITE, David S. (2011). *Visitors and Residents: A new typology for online engagement*. [Online]. First Monday, Vol. 16 Núm. 9, Novembro 2011. [Data da consulta: 08/09/14]